

DA RENASCENÇA PORTUGUESA AO REGRESSO AO PARAÍSO

António Cândido Franco

Não sei se já se reparou que o poema em que Teixeira de Pascoaes trabalhava no ano de 1911, no momento em que tinha lugar a fundação da Renascença Portuguesa, era *Regresso ao Paraíso*. Isto quer dizer que a construção do poema e o desenvolvimento dos seus versos acompanharam na mente do poeta as movimentações exteriores que criaram a agremiação; também o parto gráfico do poema, largo de vinte e dois cantos, aconteceu no ano seguinte, 1912, o mesmo em que a Renascença se manifestou pela primeira vez à luz do dia, com a passagem da revista *A Águia* a órgão da nova associação e a edição – porventura na mesma tipografia que compôs o poema – dos seus estatutos. Não sei se se constataram já estes factos como não sei se alguém observou – talvez António Telmo – que as iniciais da associação portuense e do poema coincidem por inteiro.

Não me parece que a coincidência aqui apontada, datas e letras, seja irrelevante. O poema e a sociedade cultural têm afinidade, por via do poeta, Teixeira de Pascoaes, que na mesma época em que compunha os versos de *Regresso ao Paraíso* era um dos envolvidos na fundação da Renascença, e não o menor, pois escreveu em prosa os parágrafos dum dos manifestos da nova sociedade, hoje recolhido em *A Saudade e o Saudosismo*.

Sob esta luz, *Regresso ao Paraíso* é um poema que deve ser lido em estreita ligação com a Renascença Portuguesa, do mesmo modo que esta deve sempre surgir referida ao poema, sem o qual perde a parcela mais dinâmica do seu intento inicial. *Regresso ao Paraíso* parece ter sido ideado para ser a componente anímica, o fundo eterno da Renascença Portuguesa. Criado na solidão, composto na euforia da inspiração, mas pensado em diálogo com a associação em trabalho de parto, o poema dá à Renascença

Portuguesa a sua alma superior e universal, a sua aspiração infinitamente libertária, descarnada já de qualquer facciosismo limitador.

Também a República Portuguesa, recém-fundada, pode ser ligada à relação aqui estabelecida entre o poema de Pascoaes e a associação cultural com sede no Porto, por razão de também ela ter as mesmas letras iniciais. De novo aqui a coincidência não é fortuita. Sabemos que a Renascença Portuguesa se constituiu como agremiação republicana, destinada a dar uma vertente cívica e cultural ao jovem regime político acabado de fundar; sabemos também que muitos dos envolvidos na fundação da Renascença Portuguesa, a começar pelos patronos, Sampaio Bruno e Guerra Junqueiro, se bateram entre nós pelo fim da Monarquia e pelo advento da República.

A Renascença está afinal para a República, como o poema de Pascoaes está para a Renascença. Na base, como raiz agarrada à terra, está a República Portuguesa, a entidade mais limitada das três, e no topo, já sem nenhum limite, a céu aberto, encontra-se o poema de Pascoaes, com a dramatização do fecho do tempo ou do final do mundo, e da abertura para a reintegração da humanidade e da natureza no seio do Paraíso; a Renascença Portuguesa funciona entre os dois como um termo mediador, cuja direcção é sublimar a República Portuguesa em *regresso ao paraíso*, aproximar a organização social da visão do poeta e da liberdade do místico.

*

Mas o poema de Teixeira de Pascoaes de 1912 não é apenas o poema da República Portuguesa e da Renascença Portuguesa. A universalidade da sua visão, o intertexto mítico de que se alimenta, e até a singularidade do seu ponto de vista, o da anamnese

saudosa, fazem com que ele seja o poema de todos os que aspiram à libertação dos limites que foram impostos à humanidade pelo tempo, pela História, pela expulsão do Paraíso. A história da sua recepção é por isso muito vasta e acaba em momentos vários por sair da alçada do seu mediador directo, a Renascença Portuguesa, e da sua base, a jovem República, autonomizando-se.

O cingente estudo de Leonardo Coimbra, dado como exórdio da segunda edição do poema, em 1923, está ainda no quadro da Renascença Portuguesa e da revista *A Águia* e o mesmo se passa com o de José Marinho, apresentado em 1925 nos três derradeiros capítulos da sua tese de licenciatura em Filologia Românica, na Faculdade de Letras do Porto. Também o estudo de António Telmo, “Regresso ao Paraíso”, mesmo que publicado muitos anos depois, no livro *Filosofia e Kabbalah* (1989), e onde se encontram notáveis desenvolvimentos dos dois pensadores anteriores, se encontra na mesma situação. E talvez o prefácio que Agostinho da Silva escreveu para a quinta edição portuguesa do poema (1986) possa ainda ser aferido da mesma forma e no mesmo quadro.

Já a acção que os surrealistas portugueses moveram com o poema pertence a um estrato novo, sem alusão (in)directa ao mediador e à base. Os surrealistas portugueses operaram em plano posterior ao da Renascença Portuguesa, e sem ligação à República, decerto pela degradação desta em tirania, e atroz foi ela para eles, mas isso não quer dizer que não se identifiquem, até por relações directas, ao sentido cósmico e universal com que o poeta compôs *Regresso ao Paraíso*, afinal a componente mais perene, a única que de verdade importa, das entidades sociais que se posicionaram no momento do seu parto por relação gradativa e ascendente ao poema de Pascoaes.

No período que é o seu, o da segunda metade do século XX português, e fora do grupo da Filosofia Portuguesa, herdeiro directo da Renascença Portuguesa, e sem relação com ele, os surrealistas portugueses animaram o poema de Pascoaes com o quadro de valores que lhe era próprio e que receberam da experiência do grupo que se desenvolveu, a partir de 1919, em torno de André Breton. Mário Cesariny confessou que foi o primeiro poema que conheceu e leu de Pascoaes. Quem lho

Daqui a cem anos pode não haver Renascença Portuguesa, e pode até nem haver República Portuguesa. Caso isso seja assim, nada haverá para lamentar, desde que esteja vivo o superior sentido que o poeta emprestou às formas terrenas, a do regresso ao paraíso; é por aí que passa o perene, não pelo restante, que é acessório, transitório e susceptível de metamorfose. Insistir na conservação de formas estanques e limitadas, tomando-as nas mãos como se do essencial se tratasse, é mais prejudicial do que benéfico: em lugar de aproximarmos a organização social da visão do poeta e da liberdade do místico, libertando-a do supérfluo e dando-lhe o sopro da vivência eterna...

deu foi Eduardo de Oliveira no final da década de quarenta – tinha Cesariny pouco mais do que vinte anos. Em Março de 1950, na companhia de Eduardo de Oliveira, velho amigo da casa de Pascoaes, decidiu ir a Amarante conhecer o poeta. A impressão foi tão forte que nunca mais, até à morte, em 2006, deixou de subir a Amarante e daqui a São João de Gatão para visitar a casa de Pascoaes, passar por lá largas temporadas e conviver com os lugares e os livros do poeta. Este convívio levou-o mesmo a declarar desassombadamente *Teixeira de Pascoaes poeta bem mais importante quanto a nós que Fernando Pessoa*.

Regresso ao Paraíso foi assim o poema pascoaesiano dos surrealistas portugueses, que o receberam de Mário Cesariny. António Maria Lisboa, que faleceu poucos meses depois de Teixeira de Pascoaes, em 1953, aos vinte e quatro anos, leu-o por indicação do amigo, e a ele se refere em carta, com a data de Março de 1950, altura em que Cesariny, o destinatário, se desloca a Amarante e Gatão para conhecer o autor do poema que leu e deu a conhecer. Diz Lisboa: *Agradeço-te ainda o Poema do Teixeira de Pascoaes, personalidade que me é grata e que bastante admiro. É pena eu não ter possibilidades de o conhecer*. É a única alusão que se conhece do autor de *Ossóptico* a Teixeira de Pascoaes mas basta para se perceber a afinidade forte que ligou os destinos dos dois poetas.

Ernesto Sampaio, por sua vez, no rosto bifronte do seu exercício em imagens, *Luz Central* (1958), inscreve o poema de Pascoaes na tradição do hermetismo alquímico, na procura da obtenção da *grande obra*, na qual o surrealismo se reviu, encontrando nessa tradição muitas das suas próprias pesquisas e metas.

Seguindo a riquíssima sugestão de Ernesto Sampaio para ler o poema de 1912 como um operação de espagírica, valia a pena surgir agora um intérprete que, a partir da obra de António Maria Lisboa e do que nela há de onírico e de anamnésico, e tanto é, estabelecesse a ligação do *surreal ao paraíso* e nos desse o trabalho de linguagem do poeta surrealista como um exercício prático de *regresso ao real autêntico*, só momentaneamente e ilusoriamente perdido.

Com esse trabalho de aproximação dar-se-á um passo importante naquilo que importa para todos nós, a compreensão do funcionamento do

espírito, ao mesmo tempo que se rende preito, através da experiência verbal dum deles, a um extraordinário grupo de poetas portugueses mal amado, marginalizado que foi pelo magistério da crítica racionalista e materialista, grupo esse que tomou para si, com exaltante adesão ao poema de 1912, a ideia de *regresso ao paraíso*.

O poema de Teixeira de Pascoaes teve ainda traduções para castelhano (1922), para francês (1931) e para checo (1936), mostrando uma recepção importante cuja história quase se desconhece entre nós e que naturalmente se furta, como sucede com o surrealismo, ao sentido mediador da Renascença Portuguesa. Sabemos que Berdiaeff teve conhecimento do poema na tradução francesa e que por causa dele iniciou um processo de aproximação ao pensamento de Pascoaes, que viria a ter novo momento marcante na leitura da versão alemã de *São Paulo*. Por aqui se vê o que José Marinho queria dizer, quando apontava Pascoaes como *o nosso poeta de mais amplo e abissal sentido cósmico*.

*

Daqui a cem anos pode não haver Renascença Portuguesa, e pode até nem haver República Portuguesa. Caso isso seja assim, nada haverá para lamentar, desde que esteja vivo o superior sentido que o poeta emprestou às formas terrenas, a do *regresso ao paraíso*; é por aí que passa o perene, não pelo restante, que é acessório, transitório e susceptível de metamorfose. Insistir na conservação de formas estanques e limitadas, tomando-as nas mãos como se do essencial se tratasse, é mais prejudicial do que benéfico: em lugar de aproximarmos a organização social da visão do poeta e da liberdade do místico, libertando-a do supérfluo e dando-lhe o sopro da vivência eterna, asfixiamos a abertura anagógica, adaptando-a às formas conhecidas e às conveniências do mundo inferior, esse que não tem nem largueza nem rasgo de libertação. O excesso de apego à densidade da Terra impede de ver a rarefacção do Céu; o hábito de ficar pelo visível veda o acesso às imagens poéticas originais, pelas quais, no interior do nosso espírito, se processa, à imagem do que sucede no poema de 1912, o maravilhoso *regresso ao paraíso*.